

Apresentação do dossiê:

Escritas fronteiriças: conexões culturais às margens da literatura

Andréa Pavão (UFF)

José Ignacio Monteagudo Robledo (UNILA)

Regina Coeli Machado e Silva (UNILA/Unioeste)

Um pássaro foi abatido a tiro. Acabava de passar a fronteira

(Tavares, 2005)

Fronteira: lugar de alteridade por excelência, território de duplo pertencimento, de encontros e desencontros. Espaço de comércio e intercâmbios. Fronteiras entre a língua espanhola e a portuguesa; entre culturas várias e diferentes tradições epistemológicas; entre a literatura e o relato etnográfico; entre o gênero científico e o ficcional; entre o literário e o testemunho histórico; entre a crítica literária e a literatura da crítica literária.

Uma fronteira é, antes de tudo, uma borda, um corte, que faz e desfaz conjuntos de pertença por jogos de inclusão e exclusão, que segrega mas, ao mesmo tempo aproxima... “pois é nos confins das ciências, em suas bordas exteriores, com tanta frequência quanto em seus princípios, seu núcleo e seu centro, que se fazem os progressos” (Mauss, 2003: 324).

Na chamada de artigos para este dossiê se apostava no trânsito entre duas práticas de escrita que nem sempre permaneceram separadas na nossa cultura: a dos especialistas na descrição da realidade social, e aquela outra que chamamos de literatura (Lepenies, 1996). Nesse espaço liminar entre a escrita das ciências e as artes da palavra, os antropólogos e os teóricos da literatura tinham muitas razões para se aproximar (González de Ávila, 2010), apesar de não serem muitas as pontes que comunicam suas práticas profissionais (Clifford e Marcus, 1986; Clifford, 1998; Geertz, 2002).

Os autores dos artigos aqui reunidos, que aceitaram o desafio proposto, incitam um diálogo que merece comentários prévios de nós, seus primeiros leitores, uma vez que, entre a apresentação dos textos e os textos em si também há uma hiância. Procuramos, portanto, tecer linhas que os pudessem aproximar, que os tornassem vizinhos e, ao mesmo tempo, que pudessem oferecer-lhes interfaces ou, ao menos, um território comum na aposta de que, destes confins, pudesse surgir o que antes não havia: a letra no branco da página. Sabendo, de antemão que “nenhuma página jamais foi limpa. Mesmo a mais Saara, ártica, significa”. (Leminski, 1987).

Foi com este propósito, que lemos cada um dos artigos com um “lápiz na mão”, ou seja, dialogando com seus autores às suas margens, já que “ler (e comentar) um texto é, fundamentalmente, escutar a interpelação que nos dirige e fazer-se responsável por ela” (Larrosa, 1998: 128). Desse diálogo foram surgindo as ideias que se expõem nesta apresentação, mas também a própria sequência de leitura dos textos. Nossa proposta segue uma certa ordenação cronotópica, dos inícios da Modernidade europeia para a atualidade latino-americana.

Os três primeiros artigos são textos que olham para o passado sem perder de vista o presente: porque um autor como Francisco de Quevedo tem muito de contemporâneo, porque as práticas de escrita nas margens dos manuscritos e dos livros têm uma longa tradição que se pode estudar desde os parâmetros da história da cultura escrita, e porque só paulatinamente se deram as condições de possibilidade para que mulheres se autorizassem a escrever diários pessoais e, muito depois, viessem a se tornar públicos. Na sequência, seguem-se quatro artigos que têm, de um lado, a representação da vida como objeto não exclusivo dos estudos literários e, por outro, a antropologia como referência comum. Destes quatro, os três primeiros são experiências inovadoras de escrita etnográfica (*flash* e *meshwork*) que se avizinha da produção literária e, portanto, ficcional, enquanto o último, apesar de se circunscrever no gênero acadêmico *stricto sensu*, lança o olhar antropológico sobre uma manifestação literalmente marginal. O dossiê se encerra com uma entrevista que, de algum modo, recupera o olhar histórico para abordar os problemas literários atuais.

Achamos conveniente começar a apresentação com um texto bem fronteiroço, surpreendente, ousado até, em se tratando de uma publicação acadêmica. Hector Mendes lança mão de sua experiência pessoal no “território” de Quevedo para, em seu

“Quevedo: notas al margen”, nos aproximar deste autor de dimensões monumentais, que tão bem circulou por vários mundos, sempre às margens, como um verdadeiro psicopompo, entre Tírios e cavalos de Tróia, entre a cultura barroca e a moderna, entre vida e morte, entre alta cultura e cultura popular, entre o erudito e o picaresco, entre o que se deseja dizer e o que de fato se diz, entre passado, presente e futuro. Toda esta intensidade nos fez recordar um conto de Borges (1989), grande leitor de Quevedo, no qual se descreve um objeto mínimo de peso desmesuradamente grande e a incômoda sensação de sustentá-lo na palma da mão por alguns poucos segundos. A densidade da obra de Quevedo se daria precisamente por reunir, em um mesmo espaço, uma infinidade de camadas de tempos e múltiplas vivências, por tomar como matéria prima aquilo que nos faz verdadeiramente humanos: a consciência da morte. A própria escolha de um gênero *libérrimo*, como é o ensaio, é coerente com o propósito de Hector de nos convidar a continuar lendo a obra quevediana, não apenas por sua marcante influência na literatura latino-americana do século passado, de César Vallejo a Octavio Paz, mas pelas inúmeras possibilidades de leitura e re-escrita que oferecem suas produções fronteiriças.

Escrever às margens do que já está escrito é o tema trazido por Diego em seu artigo “Límites, márgenes y espacios: una revisión de las formas y funciones de la ocupación manuscrita”. Neste trabalho, Diego Navarro direciona seu interesse intelectual sobre os rastros deixados pelo leitor no objeto livro. A partir de uma série de coleções de livros que sofreram intervenção gráfica de seus leitores, Diego traça algumas instigantes hipóteses sobre esta prática, desde os rituais de apropriação, aos registros de leitura, passando pelo diálogo mais vivo com o autor, seja dele concordando ou discordando veementemente. Segundo ele, os espaços em branco na editoração preveem este tipo de uso, se oferecendo à escrita, e sempre existiram desde os papiros até os códices. “Estamos de acordo!”, porém, mais adiante, citando Byung-Chul Han, Diego argumenta que esta possibilidade estaria excluída da leitura em suporte digital. Aqui, nos autorizamos a dialogar discordando: “será?”, escrevemos às margens do artigo de Diego. Como nos ensinou Chartier (1998), os suportes mudam, mas não produzem apenas discontinuidades nas práticas de leitura. Hoje, há inúmeros recursos para ocupar os espaços em branco dos textos digitais e, ao contrário dos suportes não digitais, até de abrir mais espaços em branco.

No seguinte artigo, “Nas bordas da autoria: a escrita errática dos cadernos de Maricota (1850–1937)”, Mariana Diniz Mendes nos faz conhecer a vida privada de uma dona de casa de origem quatrocentista que viveu a passagem do século XIX ao XX numa Paulicéia pioneira onde novas oportunidades se abriram à mulher, ao menos à das elites. E, ainda que não as tenha desfrutado de forma pragmática, exceto, talvez pelo direito ao voto e ao de se separar, é interessante observar os efeitos destes “ares renovadores” nos escritos autobiográficos de Maricota que nos dão notícias das fronteiras entre a mulher e o homem, a casa e a rua, a política e a vida doméstica, a escrita de si e a escrita literária. Nesse excelente estudo de caso, o artigo explora com rigor acadêmico a necessidade de contextualizar produções literárias aparentemente marginais.

Seguindo esse rastro da vida doméstica de mulheres, o artigo que se segue aborda a vida de outra dona de casa, em coordenadas espaço-temporais e origens sócio-econômicas muito distintas. A sequência propõe assim a criação de pontes simbólicas entre estas mulheres que têm o anonimato como ponto comum, um diálogo com suas vozes silenciadas, mas resgatadas pela escrita, em um texto que nasce deliberadamente da fusão entre o gênero auto-etnográfico e a narração autoficcional. Em “Viver Cuidar Esperar: um experimento de escrita etnográfica sobre cuidado, gênero e geração”, assim mesmo sem vírgula, sem alfândega entre viver, cuidar e esperar, através da etnografia *flash*, Juliane Bazzo nos fala de outra dona de casa cujo trabalho não é visto por seus familiares próximos. A partir destes dois personagens reais, propomos comparar esta Esperança carioca de classe popular, bem assentada em pleno século XXI, com aquela Maricota de origem meio aristocrática, cujo texto se inscreve no despontar do século XX. Entre aproximações e afastamentos, nos rendemos à fecundidade da autobiografia nos trabalhos etnográficos e podemos notar as continuidades e descontinuidades da mulher em nossa sociedade, seja na perspectiva temporal, espacial ou social.

Na entrevista final do dossiê, fala-se de Carolina Maria de Jesus, cuja obra, por sua natureza autobiográfica, se avizinha aos escritos de Maricota e Esperança. No entanto, diferente destas, vieram a público, tendo grande êxito editorial. Mas optamos por comentá-la ao final, pois a leitura que fizemos do texto de Juliane Bazzo nos encaminhou pelas fronteiras entre a vida e sua representação na escrita etnográfica. Inspirada pela autoetnografia, a autora enxerga na discursividade literária um meio

legítimo de narração quando pesquisadora e pesquisada coincidem, o que aproxima o artigo a um conto. Essa problematização, que coloca sob suspeita os limites entre a escrita literária e experimento científico, é precisamente o assunto dos textos seguintes.

O artigo “Grafias de vida e morte, e Ishi como um *meshwork*”, aprofunda, a partir de outro ponto de vista, o problema da representação das vidas humanas na escrita antropológica, mas também se avizinha com o texto de Hector pelo tema das dobras entre vida e morte. Dobras que, ao se sobreporem, podem fazer coincidir passado e futuro, conciliar morte e imortalidade. Suely Kofes traz a conhecida história do indígena Ishi que, na aproximação entre nativos e antropólogos, entre autobiografia e etnografia, jamais teve sossego. Mais que isso, nos convida a refletir sobre uma importante indagação: quais os limites éticos entre autobiografia e etnografia?

A partir deste fio, chegamos ao artigo de Diana Milstein que rompe também as bordas do gênero acadêmico, fazendo o material bruto de pesquisa explodir os limites do que seria sua própria autoria. Trata-se de um livro produzido por crianças sobre o bairro popular onde vivem na Argentina, a partir de pesquisa etnográfica nativa sob sua coordenação. Neste instigante trabalho de campo, Diana faz dialogar a infância com a adolescência, a casa e a rua, o bairro e a vizinhança, trabalho de mãe e trabalho de pai, estudar e deixar de estudar. E, sim, as descrições do livro são etnografia viva e pulsante.

O terceiro artigo que tem como referência a antropologia é “Invasões bárbaras: juventudes e literatura marginal no Espaço Comum Luiz Estrela”, de Sandra de Fatima Pereira Tosta, Luiz Eduardo Almeida Souza e Gilbert Daniel da Silva. Trabalho mais fiel aos limites formais do gênero acadêmico, apresenta os resultados de uma pesquisa etnográfica *tout court*, representativo da enorme potencialidade de desenvolver um olhar antropológico sobre os fenômenos literários, ou seja, um olhar descentrado desde as convenções do campo. Essa perspectiva é muito pertinente quando a produção/recepção literária, objeto do estudo, está situada em um espaço público ocupado por coletivos marginalizados que não encontraram lugar institucional para recitar seus versos: “A Maria, se morasse no mar, amaria, riria e ao mar iria praticamente todo dia (...) Mas a Maria mora é na periferia!”. Quem seria essa Maria?

Os limites desta pequena coletânea se encerram com o texto “Nas fronteiras com a palavra dos outros: entrevista a José Carlos Sebe Bom Meihy”. É um diálogo, desta vez no formato tradicional da entrevista acadêmica, que se constrói no intercâmbio

intelectual entre o historiador José Carlos e José Ignacio Monteagudo, filólogo e antropólogo, ambos empenhados em criar aproximações entre a chamada *história cultural* com os *estudos literários*. Neste instigante diálogo, se aborda, por exemplo, a trajetória percorrida na recepção das obras de Carolina Maria de Jesus, escritora trazida hoje para a centralidade do cânone literário. Em sentido contrário, José Carlos nos chama atenção para outros autores tais como Antônio Vieira ou Monteiro Lobato que parecem se deslocar do centro às margens, se considerarmos as tendências de valorização literária atuais. O professor Meihy nos alerta, ainda, para o fato de o debate sobre o valor literário da obra de Carolina (é ou não é literatura?) ser um falso problema que nos afastaria de um aspecto talvez ainda mais interessante de sua obra: sua fecundidade como testemunho histórico e social. Eis outra contribuição a um debate instigado pelos artigos precedentes que, obviamente, não pode ficar restrito aos limites destas páginas.

Em conjunto os textos lançam luz sobre as margens e sobre as zonas de fronteira habitualmente evitadas por seus potenciais perigos. Este dossiê é um convite para que sigamos pensando o que significa ler e escrever em diferentes *cronotopos*. Levando ao extremo as ideias de Bakhtin (1988), não existiriam textos centrais ou marginais, literários ou não literários, pois seriam as esferas da atividade social em sua produção e recepção o que determinaria sua categorização e apreciação inevitavelmente hierárquica. A escrita literária não seria mais que uma glosa a outra glosa, uma resposta anotada na margem do que em algum momento ocupava o centro da página. Por isso, esperamos provocar não apenas o interesse pela leitura destes escritos, como também o desejo de produzir novos textos para que o diálogo possa continuar vivo, deslizando metonimicamente enquanto há *chama* (mento), à margem de qualquer concessão, como conclamava Hélio Oiticica:

- Seja marginal, seja herói!

Referências bibliográficas

BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora F. Bernardini. São Paulo: Hucitec, 1988.

BORGES, Jorge Luis. Tlon, Uqbar, Orbis Tertius. Em BORGES, Jorge Luis. *Ficções*. Trad. Carlos Nejar. 5ª ed. São Paulo: Globo, 1989.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP/ Imprensa Oficial do Estado, 1998.

CLIFFORD, James & George E. MARCUS, orgs. *A escrita da cultura. Poética e política da etnografia*. Trad. Maria Claudia Coelho. Rio de Janeiro: UERJ, 2016.

GEERTZ, Clifford. *Obras e vidas: o antropólogo como autor*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

GONZÁLEZ DE ÁVILA, Manuel, Cultura y razón. *Antropología de la literatura y de la imagen*. Barcelona/México: Anthropos, 2010.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Trad. Tomas Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LEPENIES, WOLF. *As três culturas*. Trad. Maria Clara Cescato. São Paulo: USP, 1996.

LEMINSKI, Paulo. *Distraídos venceremos*. São Paulo, Brasiliense, 1987.

MAUSS, Marcel. Lugar da sociologia na antropologia. Em *Sociologia e Antropologia*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. Pp. 324.

TAVARES, Gonçalo M. *O Senhor Brecht*. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2005.